

**Alister MCGRATH, *Apologética cristã no Século XXI*.
São Paulo: Editora Vida, 2008.**

O autor desta obra é um teólogo protestante, e se propõe em recuperar o sentido da **apologética** cristã (primordialmente, **apologia** da fé cristã, cf. 1 Pd 3,15) como elemento integrante do anúncio evangélico: “o objetivo da apologética consiste em conferir integridade e profundidade intelectuais à evangelização, assegurando assim que a fé permaneça arraigada na mente e no coração” (p. 9).

A metodologia apologética baseada exclusivamente na racionalidade das declarações cristas quanto as verdade de fé, apesar de do honrado histórico dentro da tradição cristã, revela sua fragilidade pela dependência do senso comum e da tradição filosófica ocidental. Há de se postular o recurso do “imenso potencial teológico das doutrinas cristãs da criação e da redenção”, pelo que se pode recorrer à ideia de *ponto de contato* o que possibilitar reabilitar “os preciosos *insights* que o evangelho tem a oferecer por si mesmo àqueles que o defendem e o proclamam não se fiando nas formas de pensamento da razão”.

Apesar da apologética como disciplina ter “um histórico longo e respeitável” (p 11), é preciso ter presente que o contexto em que foi desenvolvida mudou como mudou o fórum de discussão. “Hoje, elas já não ocorrem no âmbito das universidades e dos livros-texto”. “É no mercado das ideias, e não nas salas de seminário das universidades, que o cristianismo deve pelear por sua vida” (Cf. P.12). Nesse contexto, é preciso identificar os motivos dos que ainda não descobriram o cristianismo e os que o rejeitam consciente ou inconscientemente.

É de se considerar que historicamente são apontadas como fator de rejeição as ligações do seu passado com as situações de opressão política ou social. Contudo, a cultura sempre joga seu peso contra o evangelho cujo conjunto de valores se opõe ao da cultura dominante. Ser considerados *outsiders* culturais tornam os cristãos alienados do ambiente de seus companheiros.

A formação de uma contracultura cristã carrega consigo um tipo de pressão não intelectual, mas um matiz amplo de argumentos, atitudes e valores, que produz um clima hostil à fé. É esse tipo de desafio que requer uma diferente postura apologética. Isto é, criativa e eficaz.

Diante disso, o objetivo do livro é dar à apologética cristã condições de fazer frente às situações de maior relevância

na sociedade moderna, possibilitando ao cristão examinar e formula abordagens em defesa do evangelho, adequadas às suas necessidades e oportunidades particulares. Se as pessoas encontram diferentes motivos para não se tornarem cristãs, a proclamação do evangelho “não pode ser insensível à individualidade humana e à variedade de situações nas quais as pessoas se encontram” (p. 15).

Para não cair no vazio, compete ao evangelizador “fazer as relações com a vida das pessoas, de carne e osso, do mundo atual”. A história da apologética cristã mostra que tais relações podem ser feitas, assim como a história da Igreja mostra que devem ser feitas (cf p. 15).

A eficácia da ação apologética requer a vinculação dos recursos da tradição cristã às necessidades do indivíduo e à sua capacidade de lidar com argumentos e imagens. Por outro lado, requer criatividade, pois está voltada para o mundo real da ação no sentido de dar elementos para mudar corações e mentes das pessoas no contexto cultural atual (Cf. p. 16).

A obra consta de duas partes. A primeira se propõe a criar aberturas para a fé que consiste em oferecer as bases teológicas da apologia eficaz que tem sua fundamentação na criação e na redenção. Aquela oferece as bases do ponto de contato que dá elementos para ver esta como ponto alto da capacidade divina de se comunicar em linguagem humana. Esse ponto de contato convergente revela sua identidade e potencialidade nos seguintes elementos da existência humana: a sensação de desejo não satisfeito, a racionalidade humana, o ordenamento do mundo, amoralidade humana e a angústia existência e alienação, a consciência de finitude e de mortalidade. Todos esses elementos existenciais a partir da pregação podem levar para que o ser humano passe do assentimento ao compromisso da fé.

A segunda parte da obra se propõe a partir da identificação das barreiras da fé que impedem as pessoas de se tornarem cristãs. Nesse sentido, trabalha em dois registros: as dificuldades intelectuais à fé e as cosmovisões modernas que rivalizam com o cristianismo. Entre as dificuldades intelectuais à fé apontadas são: Deus como mera esperança, o sofrimento humano, o pluralismo religioso, a concepção de ressurreição, a divindade de Cristo, os conceitos de pecado e salvação. Entre as cosmovisões modernas são apontadas: o racionalismo iluminista, o marxismo, o materialismo científico, o feminismo, o pós-modernismo e a Nova Era.

Não se trata aqui de analisar a pertinência de cada uma das barreiras intelectuais e das cosmovisões apontadas, pois

não são os juízos a respeito de cada uma que importa, mas sim a postura de compreender uma apologética como ação dialógica e imaginativa que torne possível desvelar as formas literárias e culturais de Deus para deixar emergir uma autêntica abertura positiva ao Transcendente (cf. Conclusão).

O viés de uma teologia protestante não deve afastar o leitor católico. Há serenidade e clareza na argumentação do autor. Sua honestidade intelectual o faz recorrer à tradição comum a ambas as denominações cristãs. E como todo e qualquer texto deve ser lido, interpretado e ajuizado no que tem de positivo e edificativo.

Prof. Luiz Gonzaga Scudeler